

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR

Anderson Alves Beserra¹
Diógenes José Gusmão Coutinho²

RESUMO: Este artigo realiza uma análise psicanalítica aprofundada da relação aluno-professor, destacando a importância dos conceitos de transferência e das estruturas psíquicas para as práticas pedagógicas. A pesquisa, baseada em revisão bibliográfica, examina como o Id, Ego e Superego influenciam o comportamento e as interações dos alunos no ambiente escolar, tornando a transferência um fenômeno central. Neste processo, os alunos projetam emoções inconscientes nos professores, e a contratransferência reflete as reações emocionais dos educadores. Compreender essas dinâmicas permite que os professores ajustem suas abordagens pedagógicas, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e equilibrado. A análise sugere que a formação docente em conceitos psicanalíticos é uma ferramenta essencial para apoiar o desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos, contribuindo para práticas educativas mais saudáveis e adaptadas às necessidades psíquicas dos estudantes.

1633

Palavras-chave: Psicanálise. Práticas pedagógicas. Relação aluno-professor.

ABSTRACT: This article provides an in-depth psychoanalytic analysis of the student-teacher relationship, emphasizing the importance of transference and psychic structures in educational practices. Through a literature-based qualitative study, it examines how the Id, Ego, and Superego influence student behavior and interactions within the school environment, positioning transference as a central phenomenon. In this process, students unconsciously project emotions onto teachers, while countertransference reflects the teachers' emotional reactions. Understanding these dynamics enables educators to adjust their pedagogical approaches, fostering a more inclusive and balanced learning environment. The analysis suggests that teacher training in psychoanalytic concepts is an essential tool to support students' emotional and cognitive development, contributing to healthier educational practices that meet students' psychological needs.

Keywords: Psychoanalysis. Pedagogical practices. Student-teacher relationship.

¹ Mestrado em Ciências da Educação, Christian Business School. <https://orcid.org/0000-0002-1866-5487>

² Orientador no mestrado em Ciências da Educação, Christian Business School. <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>.

INTRODUÇÃO

A interação entre aluno e professor desempenha um papel central no processo educativo, impactando diretamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. Essa relação é complexa, pois envolve dimensões conscientes e inconscientes. Este estudo realiza uma análise baseada na teoria psicanalítica freudiana, explorando os conceitos de transferência e estruturas psíquicas. Compreender esses aspectos inconscientes é fundamental para os profissionais da educação, dado que, no ambiente escolar, o professor pode, mesmo sem intenção, evocar emoções e processos psicológicos latentes nos alunos, influenciando seu aprendizado e envolvimento (Freud, 1912).

Freud (1912) apresentou o conceito de transferência para explicar a projeção inconsciente de emoções, desejos e fantasias que o aluno pode direcionar ao professor, percebido como uma figura de autoridade. Esse mecanismo ocorre quando sentimentos e conflitos internos, muitas vezes não resolvidos e associados a figuras parentais ou pessoas significativas, são redirecionados para o educador. Nesse contexto, o professor assume uma posição simbólica no universo emocional do aluno, afetando diretamente sua percepção e aprendizado.

Outro elemento essencial dessa análise são as estruturas psíquicas descritas por Freud (1923) – Id, Ego e Superego –, que desempenham um papel central na formação do comportamento humano e na dinâmica das interações em sala de aula. O Id é responsável pelos impulsos e desejos inconscientes; o Ego, por sua vez, atua como mediador, ajustando esses impulsos às demandas da realidade; e o Superego, enquanto instância moral, promove censura e autocontrole. O confronto entre essas instâncias psíquicas gera resistências e projeções que influenciam diretamente a relação do aluno com o ambiente educacional e com o professor. Nesse contexto, a sala de aula se torna um espaço privilegiado para a manifestação de conflitos inconscientes, com impactos significativos na aprendizagem e no vínculo pedagógico.

Embora a psicanálise não seja uma pedagogia tradicional, ela oferece uma perspectiva crítica sobre os processos educacionais, revelando aspectos frequentemente ignorados pelas metodologias convencionais. Voltolini (2011) destaca que a psicanálise atua como um instrumento de desconstrução das práticas educativas tradicionais, mais do que como uma metodologia formal. Ao investigar as implicações inconscientes presentes na prática educativa, a psicanálise estimula o educador a adotar uma postura reflexiva e empática, sensível às necessidades e aos conflitos emocionais dos alunos. Essa abordagem permite ao educador

identificar projeções inconscientes no ambiente escolar, promovendo uma relação pedagógica mais equilibrada e acolhedora, que prioriza o desenvolvimento integral dos estudantes.

Assim, a relação entre aluno e professor deve ser entendida como um espaço de interações emocionais e simbólicas, onde podem surgir conflitos, expectativas e frustrações. Freud (1912) aponta que o processo educacional envolve não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a formação do caráter e o manejo de forças inconscientes. A aprendizagem, nesse contexto, é influenciada por impulsos que vão além das práticas instrucionais convencionais. Esse entendimento abre caminho para uma pedagogia mais humanizada e integrada, em que o professor, consciente de suas próprias limitações e projeções, trabalha para criar um ambiente de aprendizado que favoreça o desenvolvimento integral do aluno.

Este estudo, de abordagem qualitativa e fundamentado em revisão bibliográfica, tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre a centralidade da transferência e das estruturas psíquicas na relação entre aluno e professor. Ao explorar esses aspectos psicanalíticos, busca-se oferecer uma perspectiva que incentive educadores e psicólogos a refletirem sobre suas próprias demandas emocionais e inconscientes. Com isso, o estudo visa contribuir para uma prática educacional que reconheça e valorize as complexidades das interações humanas, promovendo um ambiente que acolha a individualidade de cada aluno e favoreça seu desenvolvimento integral.

1. PSICOPATOLOGIAS EM JOVENS E SEU IMPACTO EDUCACIONAL

A análise das psicopatologias no contexto educacional evidencia as complexas relações entre alunos e professores, destacando a importância de uma abordagem psicanalítica para compreender as influências inconscientes presentes nessas interações. Segundo Cazanatto et al. (2016), a psicanálise ampliou seu alcance além das práticas clínicas convencionais, consolidando-se como um recurso essencial para investigar as dinâmicas psicológicas que afetam o processo de aprendizagem e o comportamento dos jovens no ambiente escolar. Essa ampliação do uso da psicanálise oferece uma perspectiva mais profunda sobre os fatores emocionais e psíquicos que permeiam a prática pedagógica, favorecendo uma compreensão detalhada dos desafios que impactam o desempenho acadêmico e a socialização dos estudantes.

A prevalência de psicopatologias como ansiedade, depressão e transtornos comportamentais entre jovens representa um obstáculo relevante para o processo educacional.

Esses problemas afetam diretamente a capacidade de interação interpessoal dos alunos e sua motivação para se envolver com o conteúdo pedagógico. De acordo com Cazanatto et al. (2016), muitos jovens, especialmente aqueles que frequentam escolas públicas, vivenciam situações de exclusão social e violência. Essas experiências deixam marcas profundas em seu desenvolvimento psicológico, dificultando o equilíbrio emocional necessário para lidar com as exigências escolares e sociais.

No contexto psicanalítico, essas adversidades interferem no funcionamento das instâncias psíquicas: Id, Ego e Superego. O Id, caracterizado por impulsos inconscientes e primitivos, muitas vezes entra em conflito com o Superego, que é responsável por impor normas e valores internalizados. Esses conflitos criam tensões internas que o Ego, ao tentar mediar as forças opostas, nem sempre consegue resolver de maneira eficaz, o que agrava os desafios emocionais enfrentados por esses jovens (Cazanatto et al., 2016).

Nesse contexto, o professor desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos. Conforme Uchoa (1949), o professor ocupa uma posição central no fortalecimento do Ego dos estudantes, influenciando diretamente sua percepção de si mesmos e do ambiente. Educadores com sensibilidade psicanalítica reconhecem que comportamentos disruptivos podem refletir conflitos inconscientes. Com essa compreensão, adotam abordagens empáticas em vez de punitivas. Essa postura contribui para que os alunos percebam a escola como um espaço seguro, favorecendo a expressão de dificuldades, o enfrentamento de emoções e o fortalecimento de um Ego estruturado e resiliente (Uchoa, 1949).

O papel do professor com sensibilidade psicanalítica possui uma função estratégica e multifacetada: ele contribui para o fortalecimento do Ego dos alunos, oferecendo suporte emocional e ajustando o ambiente educacional às demandas psicológicas específicas de cada jovem. Para desempenhar essa função, é indispensável uma capacitação especializada, que permita ao educador identificar e manejar adequadamente dinâmicas inconscientes presentes no contexto escolar, conforme apontado por Cazanatto et al. (2016). Por meio de uma formação focada nos aspectos psíquicos da adolescência e nas psicopatologias mais frequentes, os professores se tornam aptos a identificar e intervir em conflitos internos, promovendo uma educação que reconhece e valoriza a singularidade de cada estudante, alinhada a uma prática pedagógica mais humanizada e efetiva.

A aplicação da abordagem psicanalítica na educação oferece aos professores uma compreensão ampliada da sala de aula como um espaço fundamental para o desenvolvimento

psicológico e emocional dos alunos. Segundo Cazanatto et al. (2016), essa perspectiva incentiva práticas pedagógicas que considerem a saúde mental e o bem-estar emocional dos estudantes como aspectos centrais do processo de ensino. Dessa forma, o professor assume o papel de mediador no desenvolvimento emocional dos alunos, promovendo um ambiente que valorize suas individualidades e dinâmicas emocionais.

Uchoa (1949) destaca que uma educação que leva em conta os aspectos inconscientes das relações pedagógicas contribui para que os estudantes identifiquem e compreendam as tensões internas geradas pelo conflito entre as instâncias psíquicas do Id, Ego e Superego. Esse conflito, típico do desenvolvimento psíquico, reflete-se no comportamento e na capacidade de concentração dos jovens, impactando diretamente seu engajamento no processo de aprendizagem. Um professor atento a essas dinâmicas é capaz de reconhecer os indícios dessas tensões e implementar estratégias pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento de um equilíbrio mais harmonioso entre os impulsos individuais e as normas sociais internalizadas pelo Superego.

A abordagem psicanalítica propõe que os professores compreendam e acolham os conflitos emocionais vivenciados pelos alunos no ambiente escolar. Essa perspectiva defende a criação de um espaço que permita a expressão das dificuldades e angústias dos estudantes, promovendo a elaboração dessas questões. Esse processo fortalece a relação de confiança entre aluno e professor, elemento indispensável para um aprendizado pleno e significativo.

1637

Para isso, a formação docente deve incluir conteúdos de psicologia e psicanálise, com ênfase no desenvolvimento de habilidades como a escuta ativa e a empatia. Dessa forma, o educador poderá interpretar a sala de aula como um ambiente dinâmico e multifacetado, considerando as histórias, os conflitos e as potencialidades que cada aluno carrega.

A educação é um processo que requer acolhimento, escuta ativa e respeito às particularidades de cada aluno. Segundo Cazanatto et al. (2016), o ambiente escolar deve funcionar como um espaço terapêutico, onde as experiências passadas dos estudantes possam ser compreendidas e trabalhadas, favorecendo a reconstrução de sua autoimagem e a reformulação de sua percepção do mundo. Para isso, é fundamental que os professores compreendam as dinâmicas psicanalíticas que influenciam os comportamentos e as emoções dos alunos. Esse conhecimento fornece ferramentas práticas para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e adaptado às diversas necessidades psicológicas dos estudantes. Assim,

o docente assume o papel de facilitador do desenvolvimento integral dos alunos, destacando a importância de entender psicopatologias no contexto educacional.

Assim, o entrelaçamento entre psicanálise e educação, analisado por Cazanatto et al. (2016) e Uchoa (1949), destaca a importância do papel do educador na formação psíquica dos jovens. Esse papel exige que o educador seja um mediador atento ao desenvolvimento emocional dos alunos, identificando e apoiando os desafios internos que eles enfrentam no cotidiano escolar. Para que essa mediação seja eficiente, é essencial que os professores possuam formação adequada para reconhecer e lidar, de forma empática e fundamentada, com questões emocionais e psicopatológicas que possam surgir no ambiente escolar. Essa abordagem contribui para uma educação que valoriza o acolhimento e o suporte psicológico, favorecendo um ambiente seguro e humano que integra o processo de aprendizagem e desenvolvimento pleno dos estudantes.

2. A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO EDUCACIONAL

A análise da transferência no contexto educacional aprofunda a compreensão das interações entre alunos e professores sob a ótica psicanalítica, destacando como projeções inconscientes influenciam comportamentos e trocas emocionais no ambiente escolar. Para Freud (1912), a transferência é um processo psíquico no qual emoções, desejos e fantasias reprimidas são projetadas inconscientemente em figuras de autoridade, como o professor. Esse fenômeno, que ocorre de forma espontânea e intensa, impacta a postura dos alunos em relação ao aprendizado e suas respostas emocionais ao docente. Essas projeções geralmente têm origem em experiências familiares, atribuindo ao professor um papel simbólico que gera reações e expectativas significativas, influenciando diretamente o engajamento acadêmico e emocional dos estudantes (Freud, 1912).

De acordo com De Albuquerque e De Morais (2020), o professor frequentemente ocupa uma posição de referência emocional para muitos alunos. Em vários casos, ele se torna uma das primeiras figuras de autoridade fora do ambiente familiar e, em algumas situações, a única fonte acessível de apoio emocional. Nesse cenário, a escola assume um papel central no desenvolvimento emocional e social dos estudantes, enquanto o professor atua como mediador, facilitando tanto o processo de aprendizagem quanto o crescimento pessoal dos alunos (De Albuquerque & De Morais, 2020).

Contudo, a transferência não ocorre de forma unilateral. Enquanto lida com as projeções emocionais dos alunos, o professor também vivencia a contratransferência, ou seja, suas

próprias reações inconscientes às projeções dos estudantes. Freud (1912) enfatiza a importância de o professor reconhecer e gerenciar essas reações, evitando respostas impulsivas que possam intensificar conflitos e comprometer o ambiente de aprendizado. Para De Albuquerque e De Moraes (2020), a habilidade de administrar essas projeções possibilita que o professor acolha as necessidades emocionais dos alunos com empatia, promovendo uma prática pedagógica que equilibra aspectos emocionais e cognitivos. Essa abordagem contribui para uma relação pedagógica mais equilibrada e colaborativa, onde o aluno é valorizado em sua individualidade e respeitado em sua subjetividade (De Albuquerque & De Moraes, 2020).

A transferência revela conflitos internos e emoções reprimidas que impactam o comportamento dos estudantes no ambiente escolar, conforme destacado por Gomes et al. (2022). Segundo De Albuquerque e De Moraes (2020), uma formação docente fundamentada em conceitos psicanalíticos capacita o educador a identificar e valorizar a individualidade dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e flexível. Compreender as dinâmicas transferenciais torna-se um recurso fundamental para que o professor estabeleça uma relação acolhedora e de apoio com os estudantes, favorecendo uma prática pedagógica sensível, adaptativa e pautada no respeito e na empatia.

Dessa forma, a relação entre aluno e professor constitui uma troca emocional que impacta profundamente o desenvolvimento psíquico de ambos. Ao reconhecer e acolher as projeções inconscientes dos alunos, o professor cria um ambiente seguro, onde os estudantes se sentem motivados a explorar e compreender suas próprias emoções. A compreensão das dinâmicas de transferência e contratransferência é essencial para uma educação que valorize a subjetividade dos alunos, promovendo uma abordagem pedagógica que respeite e acolha o indivíduo em sua totalidade. Conforme destacam De Albuquerque e De Moraes (2020), essa perspectiva favorece o desenvolvimento integral dos estudantes, contribuindo para uma formação mais humana e sensível às suas necessidades emocionais e cognitivas.

A transferência positiva, caracterizada por sentimentos de acolhimento e respeito, desempenha um papel essencial na construção de um ambiente que favorece o aprendizado e o desenvolvimento emocional dos alunos. Quando o professor é percebido como uma figura confiável e segura, o aluno se sente mais à vontade para assimilar novos conteúdos e se envolver no processo educacional. Esse vínculo de confiança não apenas fomenta laços afetivos saudáveis, mas também aumenta a motivação e o comprometimento do estudante com o aprendizado, promovendo um engajamento mais profundo e significativo com o conhecimento.

Por outro lado, a transferência negativa ocorre quando o professor, de forma inconsciente, desperta no aluno lembranças de experiências familiares conflituosas. Nesse contexto, o aluno projeta sentimentos de hostilidade ou resistência, criando barreiras emocionais que dificultam sua receptividade ao aprendizado. Essa forma de transferência, marcada pela resistência, revela conflitos internos que comprometem a construção de uma relação pedagógica colaborativa e eficaz. Além de prejudicar a comunicação entre aluno e professor, a transferência negativa limita o potencial de desenvolvimento do estudante, que, ao recorrer a mecanismos de defesa, reduz suas oportunidades de crescimento e progresso no processo educacional.

A contratransferência, definida como as reações inconscientes do professor às projeções emocionais dos estudantes, é um componente essencial na dinâmica transferencial. Segundo Freud (1912), ao reconhecer e gerenciar essas respostas de forma consciente, o educador pode fortalecer a relação pedagógica, mantendo uma postura equilibrada e sensível. A gestão eficaz da contratransferência transforma o ambiente escolar em um espaço acolhedor e estimulante, onde o aluno é valorizado em sua complexidade psíquica e emocional, promovendo uma aprendizagem mais profunda e significativa.

A integração dos processos inconscientes à prática pedagógica, quando compreendida e trabalhada de forma adequada, enriquece o ambiente educacional e favorece o desenvolvimento integral dos alunos. A transferência, em suas formas positiva ou negativa, exemplifica a interação constante entre emoções inconscientes e experiências do presente, sendo um elemento essencial para compreender os desafios emocionais no contexto escolar. Essa dinâmica permite ao professor acolher o aluno em sua totalidade, criando um espaço de aprendizado que valoriza a subjetividade e contribui significativamente para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos estudantes.

3. O ID, EGO E SUPEREGO NO AMBIENTE ESCOLAR

A teoria psicanalítica freudiana, ao explorar a dinâmica entre as instâncias psíquicas do Id, Ego e Superego, oferece uma perspectiva aprofundada sobre as interações entre educadores e alunos no contexto escolar. Essas estruturas, centrais para a compreensão da vida mental segundo Freud, influenciam significativamente as formas de relacionamento entre os indivíduos e seu ambiente. No ambiente educacional, essas forças psíquicas se manifestam de maneira evidente, já que a sala de aula não é apenas um espaço de aprendizado formal, mas

também um campo de intensas interações emocionais e simbólicas, onde professores e alunos expressam e negociam suas subjetividades (Freud, 1923).

O Id, descrito como o núcleo dos impulsos inconscientes e das necessidades primárias, opera com base no princípio do prazer, buscando a satisfação imediata sem considerar as consequências de suas ações. No ambiente escolar, essa dinâmica pode manifestar-se por meio de comportamentos impulsivos, reações emocionais intensas e respostas rápidas a estímulos, especialmente em situações de frustração, competição ou desafios. A psicanálise ajuda a entender que esses impulsos, embora muitas vezes vistos como indisciplina ou rebeldia, são expressões de necessidades inconscientes que demandam atenção. Educadores que reconhecem a influência do Id no comportamento dos alunos podem, com sensibilidade e compreensão, implementar abordagens pedagógicas que canalizem essa energia de forma construtiva, promovendo um ambiente onde os estudantes possam expressar e redirecionar seus impulsos de maneira saudável e produtiva (De Oliveira, 2018).

O Ego, por sua vez, desempenha o papel essencial de mediador entre as demandas impulsivas do Id e as restrições da realidade externa, incluindo normas sociais e as expectativas do Superego. No ambiente escolar, o Ego enfrenta desafios constantes, pois o estudante precisa equilibrar a satisfação de suas necessidades e impulsos com a adaptação às regras e ao convívio social. Um Ego fortalecido permite ao aluno lidar de forma adaptativa com os conflitos e desafios tanto internos quanto externos, favorecendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais como resiliência, autorreflexão e resolução de problemas. Educadores que estimulam a introspecção e promovem atividades que envolvam pensamento crítico contribuem para o fortalecimento do Ego dos alunos, ajudando-os a desenvolver recursos internos essenciais para enfrentar as demandas do ambiente escolar (De Castro & De Andrade, 2019).

O Superego, formado pela internalização de normas, valores e ideais morais, atua como regulador ético, censurando os impulsos do Id e mediando as decisões do Ego. No ambiente escolar, o Superego é frequentemente ativado, pois as instituições de ensino, com suas regras, expectativas de comportamento e metas de desempenho, desempenham um papel central na socialização dos alunos, ajudando-os a assimilar valores e normas sociais. Um Superego bem desenvolvido orienta os estudantes a tomarem decisões éticas e responsáveis. No entanto, a tensão entre o Id e o Superego pode gerar conflitos internos, levando o aluno a enfrentar dilemas morais ou sentimento de culpa e inadequação quando suas ações divergem dos valores assimilados. Nesse contexto, o educador desempenha um papel crucial: em vez de apenas

reforçar a censura, pode facilitar a compreensão crítica desses valores, incentivando uma abordagem mais autônoma e equilibrada. Dessa forma, o aluno desenvolve uma visão ética madura, evitando um sistema rígido de auto-repressão (De Oliveira, 2018).

As três instâncias psíquicas — Id, Ego e Superego — interagem constantemente, gerando conflitos intrapsíquicos que influenciam diretamente o comportamento dos alunos. A escola, como espaço de socialização contínua, demanda que os estudantes gerenciem essas tensões ao se relacionarem com colegas, professores e figuras de autoridade. Por exemplo, quando o Id busca satisfação imediata e é contido pelas normas e valores do Superego, o Ego assume o papel de mediador, equilibrando essas demandas. Esses conflitos são comuns na sala de aula e podem se manifestar em comportamentos desafiadores ou resistentes. No entanto, educadores que compreendem essa dinâmica intrapsíquica podem criar um ambiente acolhedor e de apoio, onde os alunos se sintam seguros para expressar suas emoções e lidar com suas tensões internas. Esse suporte favorece o desenvolvimento de um Ego equilibrado e resiliente, fortalecendo a habilidade dos estudantes de enfrentar desafios de forma saudável e consciente (De Castro & De Andrade, 2019).

Voltolini (2011) caracteriza educar, curar e governar como "ofícios impossíveis," devido à imprevisibilidade e à complexidade das forças inconscientes que influenciam os indivíduos. No entanto, o ambiente escolar se apresenta como um espaço relevante para fortalecer o Ego dos alunos, ajudando-os a regular emoções, controlar impulsos e tomar decisões baseadas em princípios éticos. Práticas pedagógicas que promovem o autoconhecimento, a empatia e a reflexão crítica são ferramentas essenciais nesse processo, contribuindo para o desenvolvimento de uma psique mais integrada e resiliente. Assim, a escola desempenha um papel fundamental na formação de indivíduos que compreendem e respeitam as normas sociais, ao mesmo tempo em que constroem uma identidade autêntica e desenvolvem sua capacidade de expressão.

Ao superar o paradigma tradicional, a educação emerge como um percurso de formação ética e emocional, em que o ambiente escolar desempenha um papel central como espaço de interação afetiva e desenvolvimento psíquico. Nesse contexto, o aprendizado formal articula-se à construção de valores e competências emocionais indispensáveis para a vida em sociedade. A integração de abordagens psicanalíticas na prática pedagógica oferece ao educador ferramentas para acolher e interpretar as dimensões inconscientes que moldam o comportamento dos alunos. Essa perspectiva promove uma educação que reconhece e respeita a singularidade de cada indivíduo, estimulando seu desenvolvimento integral. Dessa maneira,

o professor desempenha um papel crucial na formação plena do aluno, proporcionando uma experiência educativa que valoriza a totalidade de sua identidade e de suas potencialidades.

4. ABORDAGEM PSICANALÍTICA PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA: A ESCUTA ATIVA

A educação transformadora fundamentada na psicanálise apresenta-se como uma abordagem inovadora e relevante para lidar com os desafios do ambiente escolar atual. No contexto educacional, a psicanálise aprofunda a compreensão das dinâmicas emocionais e inconscientes que influenciam as relações em sala de aula, oferecendo aos educadores ferramentas para acolher as particularidades de cada aluno. Essa abordagem destaca as dimensões afetivas e inconscientes como aspectos essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes, servindo de base para práticas pedagógicas que vão além da transmissão de conteúdos e priorizam a formação integral do indivíduo (Pennanchin et al., 2015).

Nesse contexto, a prática da escuta ativa emerge como recurso fundamental em uma abordagem psicanalítica eficaz, pois, de acordo com Dunker (2020), ela exige do educador uma atenção que ultrapassa a simples recepção das palavras dos alunos. Essa postura pedagógica promove a criação de um ambiente acolhedor e baseado no respeito mútuo, proporcionando aos alunos a sensação de serem plenamente ouvidos e compreendidos (Voltolini, 2011). Além disso, a escuta ativa questiona as estruturas tradicionais de poder na relação entre educador e educando, valorizando as expressões dos alunos em toda sua diversidade e complexidade (Freud, 1912).

Contudo, a implementação da escuta ativa encontra barreiras consideráveis, principalmente nos preconceitos e na visão adultocêntrica que ainda domina o ambiente educacional. Voltolini (2011) destaca que os adultos, em suas interações com as crianças, frequentemente impõem interpretações e expectativas que não correspondem às expressões autênticas da infância, o que ele denomina de “ignorância ativa do adulto sobre a infância.” Esse conceito implica uma postura em que o adulto, ao invés de realmente compreender a criança em sua singularidade, projeta nela uma visão de imaturidade e potencial incompleto, interpretando-a apenas como um sujeito em formação. Tal abordagem distorce a prática educativa ao desconsiderar a complexidade psíquica da criança e sua capacidade de vivenciar e expressar emoções e ideias genuínas. A psicanálise, em contraposição, propõe que o educador cultive uma

escuta que respeite a criança como um indivíduo pleno, com desejos, medos e expectativas próprios, promovendo uma relação mais equilibrada e empática (Pennanchin et al., 2015).

A prática da escuta ativa e a compreensão das dinâmicas psicanalíticas possibilitam a construção de um ambiente educacional verdadeiramente transformador. Segundo Pennanchin et al. (2015), uma formação docente que integre esses princípios capacita os educadores para lidar com as complexas camadas emocionais dos estudantes, criando um espaço de aprendizagem fundamentado no respeito e na valorização das diferentes perspectivas dos discentes. Dunker (2020) argumenta que essa abordagem desafia as dinâmicas de poder e dominação verbal, interpretando-as como estruturas que muitas vezes restringem a autonomia e o protagonismo dos alunos. Essas dinâmicas, frequentemente incorporadas de maneira sutil na linguagem e postura do educador, reforçam uma posição de autoridade que, ainda que implícita, pode limitar a participação genuína dos estudantes no processo educacional.

Ao questionar e desestabilizar essas relações hierárquicas, a escuta ativa promove uma educação integral, onde o conteúdo acadêmico se entrelaça com o desenvolvimento emocional e com o fortalecimento da subjetividade dos alunos. Dessa forma, o aprendizado transcende o mero repasse de informações, transformando-se em uma prática inclusiva e verdadeiramente dialógica, que reconhece e acolhe as experiências e subjetividades dos estudantes, estabelecendo uma educação baseada em trocas significativas e no respeito mútuo (Dunker, 2020).

1644

Para ampliar o impacto da educação e promover o desenvolvimento coletivo, a prática da escuta ativa, associada a abordagens psicanalíticas, tem um papel central na construção de uma sociedade mais empática e humanizada. Voltolini (2011) destaca que a formação docente, ao incluir a compreensão das dinâmicas inconscientes, capacita o educador a lidar com as questões emocionais e psíquicas dos estudantes, favorecendo um ambiente de convivência baseado no respeito à alteridade e no reconhecimento integral do outro. De maneira complementar, Pennanchin et al. (2015) afirmam que a psicanálise é uma ferramenta transformadora essencial para a criação de espaços educacionais que atendam às necessidades emocionais dos alunos. Assim, a educação torna-se um processo multidimensional, estabelecendo-se como um ambiente de acolhimento e desenvolvimento integral, onde a subjetividade é valorizada como parte indispensável do aprendizado.

Uma formação docente fundamentada em conceitos psicanalíticos desempenha papel crucial para expandir a compreensão dos educadores sobre a importância da escuta ativa como ferramenta transformadora no ambiente educacional. O conceito de escuta psicanalítica,

introduzido por Freud (1912), caracteriza-se por uma postura receptiva e não-diretiva, permitindo a identificação de conflitos, ansiedades e desejos inconscientes. Quando adaptado ao contexto educacional, esse conceito incentiva os professores a interpretarem não apenas o conteúdo verbal explícito dos estudantes, mas também as sutilezas comunicativas e simbólicas, promovendo uma interação mais profunda e significativa.

Dunker (2020) amplia a visão freudiana ao posicionar a escuta ativa dentro de uma abordagem crítica da psicanálise aplicada à educação. Ele destaca a empatia e a compreensão integral como elementos centrais para reconhecer os alunos como sujeitos complexos, cujas necessidades emocionais e intelectuais estão interligadas. Nesse sentido, a escuta ativa fundamenta uma prática pedagógica que vai além da transmissão de conhecimento, criando um espaço de diálogo onde o professor atua como mediador e facilitador do desenvolvimento integral dos estudantes. Esse posicionamento favorece um ambiente educacional acolhedor e respeitoso, capaz de valorizar as singularidades de cada aluno.

Em um cenário educacional marcado pela negligência histórica às necessidades emocionais dos estudantes, a escuta ativa surge como um elemento essencial para construir um processo educativo mais inclusivo e humanizado. Ao integrar os conceitos psicanalíticos de Freud e as reflexões contemporâneas de Dunker, os professores são encorajados a reconhecer os alunos como sujeitos integrais, cuja formação demanda tanto o estímulo cognitivo quanto o acolhimento emocional. Assim, a psicanálise aplicada à educação destaca o papel da escola como espaço de desenvolvimento pleno e humanização social.

A inclusão da psicanálise na educação oferece possibilidades inovadoras para desenvolver práticas pedagógicas que valorizem as dimensões emocionais e inconscientes dos estudantes. A escuta ativa permite aos educadores criarem um ambiente de aprendizado acolhedor, que favorece a expressão autêntica das subjetividades e apoia o desenvolvimento integral. Como resultado, uma educação baseada em princípios psicanalíticos contribui para a formação de uma sociedade mais empática, consciente e comprometida com a diversidade e o bem-estar coletivo (Pennanchin et al., 2015). Essa abordagem fortalece a prática pedagógica e redefine a escola como promotora de valores humanistas e da convivência harmoniosa.

5. CRIAÇÃO DE POSSIBILIDADES TRANSFORMADORAS PELA EDUCAÇÃO

Sob a perspectiva psicanalítica, crítica e política, a educação emerge como um campo dinâmico e estratégico na construção de identidades e resistências coletivas. De acordo com De

Almeida e Santos (2020), o processo educacional deve abranger as dimensões intelectual, emocional, social e cultural do sujeito, promovendo uma formação que o habilite a compreender e confrontar as estruturas de poder que sustentam desigualdades históricas. Nessa perspectiva, o professor assume um papel essencial como articulador de uma formação integral, possibilitando aos alunos desenvolverem uma consciência crítica que os prepare para agir ativamente frente às dinâmicas sociais, econômicas e culturais que os circundam.

Paulo Freire (2013) enfatiza que a educação é intrinsecamente política, carregando um potencial transformador capaz de reestruturar as bases da sociedade. Educar significa capacitar os sujeitos a questionarem as ideologias dominantes, que, quando aceitas acriticamente, perpetuam sistemas de opressão profundamente enraizados. Esses sistemas afetam diretamente grupos historicamente marginalizados, como populações indígenas e afrodescendentes, reforçando desigualdades que comprometem o tecido social. Nesse contexto, a educação torna-se uma arena de resistência e desconstrução, onde o educando é incentivado a revisitar valores naturalizados, desconstruir normatividades e assumir-se como agente de mudança. A sala de aula, assim, transforma-se em um espaço estratégico de contestação e reinvenção da história coletiva, ancorada na crítica às estruturas de exclusão.

Esse processo formativo, que interliga subjetividade e crítica social, é imprescindível para a formação de sujeitos autônomos e engajados na luta contra as ideologias que legitimam a exploração e a opressão. Freud (1921) argumenta que, em contextos de insegurança e crise, egos fragilizados tendem a buscar refúgio em figuras autoritárias, reforçando dinâmicas de submissão. Dessa forma, o ambiente educacional deve proporcionar segurança e acolhimento, fortalecendo a identidade e a resiliência dos educandos. Assim, a educação deixa de ser um simples repositório de saberes e passa a ser uma prática transformadora, que prepara os sujeitos para resistir às forças alienantes e construir caminhos de emancipação social e subjetiva.

Freire (2013) sublinha que a dimensão emancipatória da educação é ainda mais urgente no contexto do avanço neoliberal, que mercantiliza identidades e margina os economicamente vulneráveis. Nesse cenário, a lógica de mercado subjuga o valor do indivíduo à sua capacidade de consumo, alienando-o de sua própria essência e potencial transformador. Para Almeida e Santos (2020), essa alienação enfraquece a subjetividade e promove uma visão de mundo subordinada ao capital. A educação crítica e emancipatória surge, então, como contraponto a esse paradigma, oferecendo instrumentos para que os sujeitos reconheçam a opressão como uma

construção histórica e atuam como protagonistas na transformação das realidades que os limitam.

Freire (2013) também critica o "pseudodiálogo" presente em sociedades marcadas pela desigualdade de classes, onde a comunicação serve à manutenção do status quo. Ele propõe uma educação fundamentada no diálogo autêntico, que promova a conscientização crítica e a solidariedade entre os oprimidos. De Almeida e Santos (2020) corroboram essa visão, enfatizando que o processo educativo deve estimular os alunos a reconhecerem as estruturas de poder e intervirem de forma ativa e disruptiva. Esse modelo pedagógico ressignifica a educação como espaço de emancipação, onde a valorização das origens culturais e a crítica às desigualdades caminham juntas para formar sujeitos conscientes e combativos.

A psicanálise, ao iluminar os processos inconscientes que influenciam as relações sociais, oferece ferramentas indispensáveis para a prática educacional. Freud (1921) aponta que a vulnerabilidade do Ego diante da opressão autoritária pode ser mitigada por um ambiente educativo que valorize o desenvolvimento integral do sujeito. Esse fortalecimento psíquico permite ao aluno resistir ao conformismo, questionar as dinâmicas alienantes e se posicionar de forma crítica frente às ideologias que reforçam o individualismo e a exploração. Dessa forma, o ato de educar vai além da transmissão de conteúdos: é um exercício de formação ética, política e emancipatória.

1647

Uma prática educacional inclusiva, politizada e transformadora redefine a sala de aula como um espaço democrático, onde culturas e saberes diversos são reconhecidos e valorizados. De Almeida e Santos (2020) argumentam que a educação inclusiva não apenas acolhe as diferenças, mas também as utiliza como pilares para a construção de novos horizontes de conhecimento e resistência. Ao fortalecer a subjetividade e a autoestima dos alunos, esse modelo educativo promove uma reconexão com a história e a identidade, possibilitando-lhes desenvolver uma consciência crítica que transcenda as barreiras impostas pela sociedade.

Diante dos desafios históricos e contemporâneos, é evidente que a educação deve ser uma ferramenta para a transformação social. A análise de episódios como o nazismo demonstra a urgência de formar sujeitos com capacidade crítica para identificar, questionar e desconstruir as dinâmicas de poder que perpetuam violências sistêmicas. Para Freire (2013), a educação libertadora é aquela que desperta o educando para as contradições de sua realidade, transformando-o em protagonista de uma nova narrativa, pautada pela justiça social e pela sustentabilidade.

Conclui-se que a interseção entre educação, política e psicanálise é fundamental para a construção de uma prática educativa emancipatória e transformadora. Ao promover o autoconhecimento e a crítica às estruturas opressoras, a educação torna-se uma alavanca para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Nesse percurso, o sujeito educado não apenas transforma a sua própria realidade, mas contribui ativamente para reconfigurar as bases sociais, econômicas e culturais que moldam o mundo ao seu redor

CONCLUSÃO

A integração da psicanálise no ambiente educacional reafirma o papel central da escola como espaço de formação integral, onde a complexidade emocional e os processos inconscientes que permeiam a relação aluno-professor são reconhecidos como elementos estruturantes do aprendizado. Conceitos como transferência, contratransferência e as estruturas psíquicas propostas por Freud demonstram que as dinâmicas emocionais não apenas impactam o desempenho acadêmico, mas também moldam a formação ética, social e pessoal dos estudantes. A abordagem psicanalítica, quando aplicada à educação, rompe com paradigmas produtivistas e normativos, propondo uma pedagogia que acolhe as singularidades dos sujeitos e promove a construção de um ambiente escolar inclusivo, ético e humanizado.

1648

Ademais, a formação contínua e especializada de docentes em psicanálise transforma a prática pedagógica em um ato político e emancipador, ao priorizar o cuidado com a saúde mental, a construção de vínculos de confiança e o respeito mútuo. Esse enfoque não apenas desafia a lógica da educação tecnicista, mas afirma a escola como um território de resistência e transformação social, onde cada indivíduo encontra suporte para crescer em sua totalidade. O reconhecimento das dimensões afetivas e simbólicas do espaço escolar revela-se, assim, uma estratégia indispensável para formar cidadãos autônomos, empáticos e preparados para enfrentar as demandas de um mundo cada vez mais complexo

Ao fincar as raízes da psicanálise no solo da educação, reimaginamos o futuro, não como uma utopia distante, mas como uma possibilidade concreta nascida do cuidado, do afeto e da escuta. Cada aluno que se percebe acolhido em sua integralidade representa um ato de resistência contra uma educação que marginaliza. Cada educador que assume o papel de mediador de vínculos transforma a escola em um lugar de pertencimento e transformação. Assim, a educação não apenas prepara para o mundo: ela o refaz, tijolo por tijolo, com as mãos daqueles que ousam sonhar e agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAZANATTO, Elenice; MARTTA, Margareth Kuhn; BISOL, Claudia Alquati. **A escuta clínica psicanalítica em uma instituição pública: construindo espaços.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, p. 486-496, 2016.
- DE ALMEIDA, Alexandre Patricio; DOS SANTOS, Mateus Vitor. **Educação como mecanismo de superação das relações de opressão atravessadas pela fragilidade do Ego.** *Dialogia*, n. 34, p. 337-350, 2020.
- DE ALBUQUERQUE, Amanda Pereira; DE MORAIS, Maristela Silva. **Reflexões Sobre A Dinâmica Da Transferência E A Relação Aluno-Professor.** 2020.
- DE CASTRO, Yhanne Jackellyne Rodrigues; DE ANDRADE, Vinícius Novais Gonçalves. **A Psicanálise E O Complexo De Édipo Na Educação Infantil.** *Educação E Cultura Em Debate*, v. 5, n. 1, p. 113-130, 2019.
- DE OLIVEIRA, Luzia Carmem. **A Constituição do Ego e Superego na Teoria Freudiana, que Lugar para a Educação?** In: Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE. 2018. p. 231-238. 2018
- DUNKER, Christian. **Paixão da ignorância: a escuta entre a psicanálise e educação.** Editora Contracorrente, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREUD, S. **A dinâmica da transferência (1912).** *Obras completas*, v. 12, 1996.
- _____. (1921). **Psicologia das massas e análise do eu.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- _____. (1923). **O Eu e o Id.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- GOMES, Allyne Evellyn Freitas; DE ANDRADE, Arthur Silva; COSTA, Vitória Eduarda Gomes. **A Multidimensão Do Vínculo Professor-Aluno: Uma Interlocação Paradigmática Entre Psicanálise E Educação.** *Educação Em Transformação: Práxis, Mediações, Conhecimento E Pesquisas Múltiplas*, Vol. 2, 2022.
- PENNACHIN, Flávia Andréa Velasco et al. **Psicanálise e educação: pensando a formação docente para o século XXI.** *Revista iberoamericana de educación*, 2015.
- SILVA, Ginaldo José Alves da. **A transferência na relação pedagógica: um olhar à luz da psicanálise.** 2022.
- UCHOA, Darcy Mendonça. **Sobre as contribuições da psicanálise para a educação e profilaxia mental.** *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 7, p. 165-178, 1949.
- VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.